

# Delegado se baseou nas contradições

Brasília — Luiz Antônio

## ■ Papel com apelido do assassino foi o ponto de partida

O delegado Luiz Julião Ribeiro, da Polícia Civil de Brasília tomou, a partir de um pequeno pedaço de papel com o nome “Lobo” e um número de telefone apreendido na casa de José Carlos Alves dos Santos, o caminho que, ao final de um ano, o levou à solução de um dos mais intrincados crimes da história policial brasileira. “Lobo” era o codinome do detetive particular Laurindo da Silva, responsável pelo assassinato de Ana Elizabeth. “A minha convicção vinha dos indícios que a polícia recolheu com paciência e humildade durante todo este ano”, disse ontem ao **JORNAL DO BRASIL**, depois de confessar: “Me sinto como se tivesse tirado um peso das costas”.

Criticado pelos próprios colegas, desacreditado pela imprensa e atacado pela promotora Arinda Fernandes, que queria tirar o inquérito da Polícia Civil,

Julião reuniu nos últimos doze meses evidências que mostram porque o delegado jamais duvidou da morte de Ana Elizabeth. Ele sabe de cor todas as contradições contidas na história relatada por José Carlos Alves dos Santos, a começar por uma observação que, a princípio, parece singela. “Os bandidos não falam baixo”, observa, referindo-se à declaração de José Carlos de que os seqüestradores o abordaram com um tom de voz quase inaudível. “Os bandidos sempre gritam”, acrescenta Julião.

O delegado lembra que no depoimento de José Carlos chamou sua atenção o fato de que ele não conseguia lembrar-se com clareza do comportamento de sua mulher durante o período em que estariam sob a mira de um dos bandidos, dentro do Monza do economista. “Ela não ficou no carro, ela foi colocada em outro carro”, afirmou, depois de notar a confusão do ex-assessor do Senado. Outro ponto de destaque era a amnésia que dominava José Carlos quando perguntado sobre seus passos no



*Julião ganhou abraço de Roriz*

dia do crime, quando estava articulando o assassinato.

As contradições reunidas pelo policial são inúmeras, a começar pela declaração de José Carlos de que o bandido teria pedido ao economista seus documentos, permitindo que o ex-

assessor do Senado enfiasse a mão no bolso traseiro da calça para tirar a carteira. “Nenhum seqüestrador, por mais ingênuo que fosse, permitiria uma coisa dessas”, observa, lembrando outra contradição — a de que o seqüestrador teria entrado no carro, deixando Ana Elizabeth no banco de trás. José Carlos mudou sua declaração depois de alertado pela própria polícia sobre o absurdo de tal situação.

A perícia feita no carro de José Carlos constatou que foi feita uma limpeza na porta do Monza, que estava todo sujo, inclusive por dentro. Julião afirmava que José Carlos limpava a porta para apagar as impressões digitais deixadas por seu cúmplice. Estava certo. Também quando afirmava que o ex-assessor do Senado fora auxiliado por duas pessoas para eliminar a mulher. Todos esses pontos se confirmam, mostrando que o delegado Julião, um policial silencioso, espírita e com quatro anos de carreira, sempre esteve certo. “Era apenas questão de tempo”, resume.